

## Editorial: Os barbaros já nos governam! - II

Estamos contentes pelo lançamento de mais esse novo número da **Pensando – Revista de Filosofia** para os nossos queridos leitores e leitoras, mais uma vez graças ao desprendimento de nossos pareceristas e de nosso conselho científico que, apesar de todas as dificuldades das atribuições diárias em suas respectivas vidas profissionais, sempre tem um tempo disponível para gastar voluntariamente com nossa revista e nossos autores.

Desta vez trazemos na capa a fotografia de uma árvore peculiar que fica no município litorâneo piauiense de Luís Correia: a árvore penteada. Por força do vento vindo do mar, os galhos e folhas da árvore ficaram todos voltados para o lado oposto da orla, parecendo os cabelos crespos de uma belíssima morena piauiense penteados após o banho da noite. Mais do que a foto, fica aqui o convite para os nossos leitores e leitoras a visitarem, pois ela é parte do cenário daquele que, se não é o maior litoral do Nordeste brasileiro, o litoral piauiense é seguramente um dos mais bonitos.

Mas ao mesmo tempo, essa satisfação pelo nosso número mais recente da PENSANDO vem carregada pela sensação de estamos mesmo vivendo tempos obscuros e graves no Brasil e no mundo, confirmando a afirmação já feita no nosso editorial do número anterior, de que os bárbaros já nos governam. Se anteriormente afirmamos que o fechamento do acesso do público ao Parque Nacional da Serra da Capivara, patrimônio cultural da humanidade, era um signo como que físico desses novos tempos, estamos vivendo um momento histórico no país e no mundo em que temos a sensação de que o poder político, conforme os eventos recentes, parece ter sido definitivamente tomado de assalto por quadrilhas de criminosos e gente sem qualquer escrúpulo moral e econômico.

O ataque atual contra o ensino obrigatório de filosofia e sociologia no nível médio, feito por Medida Provisória, é uma prática que reitera aquilo que foi feito no período da Ditadura Militar no país: retirar dos nossos estudantes o acesso a bens culturais milenares e formas de saber modernas essenciais para qualquer condição esclarecida frente o complexo contexto social e político do mundo contemporâneo. E, pior que isso, parece que essa destruição de qualquer civilidade e noção de bem comum na esfera governamental se estendeu a todos os segmentos da vida social, inclusive à própria universidade pública brasileira, onde não raramente vemos grassar a destruição de qualquer espírito republicano por parte de certos professores e administradores de plantão.

Teremos saída desse buraco negro do arbítrio, da violência e do ódio que parece estar engolindo não só as instituições educacionais, mas países e culturas ditas civilizadas inteiras, liderados por políticos inescrupulosos e medíocres? Segundo Alasdair MacIntyre, em seu livro mais conhecido, “After Virtue” (1981), as instituições só conseguem manter-se no trilho da realização de seus fins de excelência, e não se corromperem na satisfação dos bens externos de suas práticas, se o que ele chama de agentes virtuosos tiverem a capacidade de manter-se juntos no exercício daquelas qualidades de espírito, as virtudes, necessárias para a realização de seus objetivos primordiais, de seus bens internos. Fica aqui a nossa torcida de que isso seja verdadeiro na vida social, ainda que muitas vezes demore a se viabilizar, e não apenas um vitupério filosófico desejante!

Janeiro, 2017

Teresina, PI

**Prof. Dr. Helder Buenos Aires de Carvalho (UFPI/DEFI/PPG Filosofia)**  
**Prof. Dr. José Elielton de Sousa (CEAD-UFPI/PPG Filosofia)**  
**(Editores)**